

# De Churchill ao 'ajuste'

JORNAL DO BRASIL

Empossado primeiro-ministro, Winston Churchill compareceu à Câmara dos Comuns. Hitler ameaçava destruir a Inglaterra. Em seu discurso inaugural, no dia 13 de maio de 1940, Churchill assegurou que levaria a nação à vitória final. Foi então que pronunciou a famosa frase: "Nada tenho a oferecer senão sangue, trabalho, suor e lágrimas" – em inglês, quatro fortes monossílabos: *blood, toil, sweat and tears*. Ele, o conservador de velha cepa, à frente de um governo de coalizão, aceitaria alianças imprevisíveis, inclusive com Stalin. Todos os tabus e preconceitos de classe teriam de ser sacrificados no altar da vitória.

Belo momento aquele. Pode parecer absurdo que a lembrança desse discurso histórico me viesse a propósito do nosso "ajuste fiscal". Mas veio, pois de absurdos vive a imaginação. No fundo, apesar do meu modesto senso de medida e de um arraigado ceticismo, a comparação prestava – quando menos, pelo contraste. Eu esperava que a "batalha do Brasil" merecesse certa pompa e circunstância. Pois o governo não pretendia dar a impressão de que estávamos numa encruzilhada histórica? Havia sacrifícios a cobrar, e da aceitação deles dependeria não somente a salvação do país, mas também do mundo. A opção seria inescapável; a carga de sofrimento, fatal; a alternativa, catastrófica. Tamanho desafio, para ser exposto à nação, comportaria uma eloquência de inspiração churchilliana.

Mas, decepção: o espetáculo foi pífio. O presidente-sociólogo fez uma rápida alocução, tão sem graça e sem sal que dela ninguém se lembrava no dia seguinte. Cedeu o lugar de honra no prosclênio ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que falou horas a fio, na televisão e no Senado. Foi o anticlímax. Malan é um economista de gabarito, *made in USA*, que merece todo o respeito do FMI, do Banco Mundial, do G-7, com os quais um ministro da Fazenda tem de lidar em bom inglês, pelo menos para saber o que eles entendem, sinistramente, por *homework*. Mas Malan é mais que frio, é gelado; mais que gelado, é álgido. Tem a visão exclusiva das cifras, própria dos tecnocratas, para os quais recessão e desemprego são categorias científicas, nada mais.

O homem comum, que vai pagar o alto preço do "ajuste", esperava na sua santa ingenuidade uma outra abordagem. Pelo menos uma boa conversa para dourar a amarga pílula. Não necessariamente de eloquência dramática, mas franca e acessível. Uma abordagem política, no sentido mais lato, que superasse as limitações do "horror econômico" para despertar nas profundezas da nação as energias necessárias ao cumprimento de uma meta apresentada como decisiva.

A renúncia do presidente da República a esse protagonismo, que faz parte da chamada liturgia do cargo, foi reveladora. Naquele momento, FH já festejava o seu segundo mandato. Mas o presidente reeleito não estava positivamente em clima de comemoração. Ao contrário, se apequenava, como que confirmando a versão segundo a qual devia ter obedecido à pressão doméstica que desaconselhava um segundo mandato. Poderia deixar o governo *en beauté*, aclamado como paladino do real e São Jorge do flagelo da inflação. Ao sucessor, o pepino.

FH preferiu o risco, atropelando suas tarefas administrativas, perdendo tempo e desgastando prestígio nas barganhas para conseguir votos. O resultado é essa omissão de agora perante uma situação extrema. É como se não fosse com ele e com o seu governo a responsabilidade pelos juros altos, pelo pesado custo da proteção aos capitais voláteis, pelo consequente aumento avassalador do déficit público. E aí está o país a suplicar a "ajuda" dos ricos, que é como vender a alma ao diabo. Autocrítica mesmo, nenhuma. Sempre a culpa é do Congresso, das oposições incompetentes, dos neobobos que não entendem a grandeza do governo que lhes coube.

Tudo se atribui a um misterioso furacão global que se desloca perigosamente pela face do planeta, ameaçando atingir o céu azul de um Brasil sem mácula, onde um governo de sábios já havia tomado todas as providências preventivas necessárias. Assim chegamos ao "fim do gradualismo", anunciado por Malan, o grão-vizir que tomou o lugar do califa. É a nova versão da regra de Maquiavel, sem citação de autor: o que é ruim se põe tudo de uma vez pela goela do povo abaixo; ele chia, mas engole e depois esquece.